

MUSEU, EMOÇÃO ESTÉTICA E LAZER: REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DA FRUIÇÃO DA ARTE NO TEMPO LIVRE

Recebido em: 17/12/2008

Aceito em: 10/03/2009

*Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa*¹
Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG – Brasil;

*Vitor Andrade de Melo*²
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

RESUMO: O presente artigo pretendeu refletir sobre emoção estética como possibilidade de lazer, bem como a distribuição equipamentos culturais nas cidades, a configuração destas no mundo contemporâneo e sua relação com as possibilidades de democratização da cultura. Esse trabalho derivou de pesquisas bibliográficas para a construção da fundamentação teórica de minha dissertação de mestrado e estudos nas disciplinas Teorias do Espaço e Planejamento Urbano e Tópicos em Filosofia da Arte das quais participei durante o curso.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Arte. Museu.

THE MUSEUM, AISTHETICS EMOTION AND LEISURE: THOUGHTS ABOUT POSSIBILITIES OF ART'S EXPERIENCE IN FREE TIME

ABSTRACT: The following article have intended to reflect about the aesthetics emotion as a leisure experience. It also dialogue the cultural equipments configuration and the post modern cities' organization, with the culture distribution. The theory in this paper was studied during the theoretical research for my mastering degree dissertation, and the bibliography of the disciplines "Urban Planning" and "Philosophy of art" that I took during the program.

KEYWORDS: Leisure. Art.Museum.

¹ Mestranda em lazer – UFMG – bolsista FAPEMIG.

² Orientador da pesquisa de Mestrado – UFRJ/UFMG.

Meu foco no presente escrito será refletir sobre a emoção estética perante as obras de arte como possibilidade de vivência do lazer especialmente na modernidade e pós modernidade, além de propor algumas reflexões sobre espaços artísticos como espaços de lazer e seu diálogo com o público.

Antes de qualquer coisa, acho importante expor o que entendo por lazer e qual a relevância, ou até mesmo qual a possível interface do mesmo com a arte e a emoção estética. O conceito de lazer tem sido debatido e reconstruído em seu campo específico de estudos, desde a idéia de simplesmente “tempo livre” que não apreende a complexidade do objeto, até as discussões que o consideram construção cultural, fenômeno social, e no Brasil, direito social defendido em constituição.

Compreendo o lazer mais do que um tempo residual do tempo de trabalho³, mas um tempo de liberdade, tempo potencial para o exercício de escolhas, que pode efetivamente ser preenchido (ou não)⁴ por atividades, ou “manifestações culturais”, que acrescento serem quaisquer, de manifestações da cultura dita “erudita” das “artes maiores” aos produtos da indústria cultural, cultura de massas, pois como disse é um tempo de exercício de liberdade e de escolhas pessoais.

Certamente não estou afirmando que tais escolhas estejam livres de reproduzir as contradições da sociedade, ou serem submetidas às influências ideológicas e da mídia

³ Na modernidade o tempo mecânico passa a dominar e organizar a vida das pessoas, nesse contexto o tempo de trabalho, de descanso e de lazer passam a ser fortemente demarcados. Por esse motivo, os primeiros estudos do lazer o relacionam diretamente ao trabalho, como tempo residual de descanso e renovação de forças dos operários, servindo aos interesses da burguesia dominante.

⁴ Os conceitos atuais de lazer levam em consideração a possibilidade do ócio, da contemplação, do “nada fazer” como opção no momento de lazer. Essa idéia se desenvolveu em decorrência da análise crítica sobre a visão negativa que a igreja católica e mais tarde a protestante criaram em torno do ócio patente em expressões do tipo “mente vazia, oficina do diabo” entre outras. Tal pensamento religioso foi fundamental no fortalecimento da ideologia capitalista de supervalorização do trabalho como a mais humana das atividades, que encontrava ressonância na fala das religiões judaico-cristãs de que a salvação do homem pecador só se dará através do trabalho.

de massa. Mas considero que no cotidiano de um mundo capitalista, é no tempo/espaço do lazer que efetivamente se concretiza a possibilidade de fazer o que se deseja.

É interessante também destacar que no mundo contemporâneo, mais do que um tempo livre estanque, idealizado, o qual os estudiosos da modernidade imaginavam que fosse o lazer por se acreditar ser possível liberar-se totalmente de todas as obrigações de trabalho, família, sociais entre outras. O entendimento de lazer progrediu para uma dimensão da cultura que dialoga e entrecoca-se com as outras demais, especialmente com o advento das possibilidades virtuais de comunicação e diversão. Hoje em dia, as mídias de comunicação trazem para o ambiente de trabalho o espaço do lazer, e muitas vezes as propostas de lazer refletem a ordem do mundo de trabalho, se pensarmos, por exemplo, nos pacotes turísticos repletos de horários e compromissos rígidos.

A modernidade é um momento histórico chave para entendermos vários aspectos de nossa realidade cotidiana; no lazer a sociedade capitalista emergente e seu tempo mecanizado são de grande impacto. Sociedade capitalista e de características que se desdobraram do desenvolvimento do modo de produção capitalista e fortalecimento do capital industrial: o tempo mecânico marcado pela invenção e popularização do uso do relógio, a divisão da vida em tempo de trabalho, tempo de descanso e tempo de lazer, as ofertas de entretenimento para as massas, características essas que marcam profundamente a vivência de lazer nos nossos tempos.

Segundo Bourdieu (1996) é na modernidade que o campo da arte se torna autônomo e a relação entre a arte e seu público se complexifica. Por isso a necessidade de compreender a modernidade onde várias dessas questões surgem e seus desdobramentos na pós-modernidade e suas conseqüências no nosso cotidiano. Nesse

contexto, tento compreender e dialogar com as escolhas pessoais nesse “tempo livre”, como o porquê de alguns escolherem as artes, a emoção estética e outros divertimentos, se as necessidades culturais e o prazer estético estariam ligados às formas de educação de classes sociais específicas, se a própria idéia de hierarquia entre os divertimentos ditos alienados e a arte dita erudita seria uma representação de nossos tempos.

A modernidade trouxe profundas mudanças para a humanidade ocidental, e várias características de nosso cotidiano, têm seu ponto de partida nesse momento. Uma dessas profundas mudanças foi à configuração do meio urbano e sua centralidade no estilo de vida moderno, estendendo-se à contemporaneidade.

É no século XIX que se criou os projetos de urbanização das grandes cidades para refletir o pretenso ideal universal racional e a eficiência da modernidade⁵. Escritores e artistas da época problematizaram a cidade que morria e o que viria de novo. Vários exemplos nos mostram como o sistema capitalista em seu desenvolvimento criou uma paisagem repleta de recursos para sua própria expansão, feito à sua própria imagem e com o propósito de produção e reprodução da força de trabalho.

É inegável que a cidade em nosso tempo, mais do que em qualquer outro, se torna o centro da vida social. Além disso, a partir da modernidade, a ideologia dominante configura o trabalho como a mais humana das atividades, justificando a centralidade do mesmo no contexto moderno e pós-moderno. A partir do final do século XIX o urbano passa a ser o palco das diversas manifestações e o cenário de obras

⁵ “O caso de Barcelona é dos mais conhecidos e importantes. O engenheiro urbanista Ildefons Cerdá projetou a extensão da cidade para além das muralhas, demolidas em 1854 [...] Entretanto, o caso mais emblemático, e que influenciou todo o mundo ocidental e suas colônias, é a famosa experiência do Barão Georfes-Eugène Haussmann, em Paris [...] que projetou e implantou o que é considerado o primeiro plano regulador para uma metrópole moderna. [...] No Brasil, foi o plano de Aarão Reis para a Capital de Minas (Belo Horizonte), na última década do século XIX, que aplicou com maior clareza e sucesso os princípios haussmannianos, acrescidos de elementos barrocos como no plano de Washington D.C.” Monte-Mór (2006 p. 62 - 63).

artísticas, literárias, entre outros, passa a fazer parte do imaginário da humanidade. A partir dos séculos XX e XXI a maior parte da população mundial passa a residir nas grandes cidades.

Pode-se observar também a partir da modernidade a existência de uma massa cada vez maior de pessoas circulando nos centros urbanos. A imagem da multidão heterogênea, amorfa, e anônima que se acotovela nos grandes centros com destinos diversos é patente dessa época e muito presente nas obras artísticas, como personagem principal, como temática central a partir de então, Benjamim (1983):

“Possivelmente a visão cotidiana de uma multidão em movimento foi por algum tempo um espetáculo a que o olho teve de habituar-se. Admitindo-se que essa hipótese, talvez se possa supor que, uma vez realizada essa tarefa, tenha aproveitado toda e qualquer ocasião de mostrar-se de posse da faculdade recentemente adquirida. A técnica da pintura impressionista, que extrai a imagem do caos das manchas de cor, seria, portanto um reflexo de experiências que se tornaram familiares ao olho do habitante de uma cidade.” (p. 42).

A multidão que antes causava estranhamento vai então se entranhando no imaginário do homem moderno, de tal forma que na contemporaneidade é imagem constante, representa a normalidade assim como a já citada centralidade do estilo de vida citadino.

Entre essa multidão, mesclam-se à massa um exército de trabalhadores que povoa as grandes cidades (especialmente suas periferias) através do século XIX e XX aos poucos conquistam direitos como a democratização do ensino fundamental, a diminuição da jornada de trabalho, e conseqüentemente observa-se uma demanda cada vez maior de opções para o preenchimento desse tempo livre, além da tensão criada com o desejo da classe burguesa dominante de preencher de maneira saudável o tempo livre dos trabalhadores.

Cada vez mais o estilo de vida imposto pelo capital, exerce influência sobre todas as esferas da vida, aguçando cada vez mais seus desdobramentos através do século XX. Cada vez mais as possibilidades de lazer oferecidas às massas trabalhadoras, concretizam o objetivo de alienação e esvaziamento da experiência cotidiana, artística, cultural. A racionalização de todos os setores da vida vai contraponto cada vez mais as manifestações culturais como a esfera do fútil e o trabalho, gerador de renda e riqueza material e com o fortalecimento da ideologia capitalista como a grande fonte de “sentidos da vida”⁶ vai se configurando como a esfera do útil:

No interior do modo de produção capitalista o tempo livre é uma extensão do tempo de trabalho, um refém da lógica da produtividade. Afinal, ao ser compreendido como válvula de escape para as tensões (encarregada de propiciar uma evasão da realidade e compensar as frustrações cotidianas), o tempo livre funciona como um mecanismo que reforça a alienação engendrada pela lógica do capital nos momentos de “não trabalho”. Ao ser institucionalizado, o lazer colaborou com o emprego “saudável e útil” do tempo livre na modernidade. Esse processo se deu por meio da constituição de práticas culturais “recomendáveis”, destinadas a combater o ócio e outras atividades consideradas perniciosas para a sociedade. (GOMES, 2003, p.19-20).

Muitas são as construções culturais modernas, porém, a centralidade do trabalho e do capital é talvez das mais fortes delas, e ainda aliadas à crescente racionalidade e fragmentação proposta pela crença moderna de que a ciência seria o mais legítimo meio de se produzir saber, de explicar o mundo. A fragmentação e especialização proposta pela ciência positivista vai penetrando aos poucos as outras esferas da vida, e a crença

⁶ É comum nos dias atuais as pessoas se definirem como sua atividade profissional. Quando se pergunta: “Quem é você?” são comuns respostas como “sou médico”, “Sou advogado”, “sou professora”, por estarmos tão mergulhados na ideologia capitalista, muitas vezes sem perceber depositamos na esfera do trabalho grande parte de nossa realização pessoal.

no conhecimento infalível, capaz de dominar o mundo, desvendar as leis naturais e propor leis universais e imutáveis, vão cada vez mais fazer parte do imaginário do homem moderno e apesar dos questionamentos a seu respeito na atualidade e relativizações propostas, ainda se apresentam marcas desses paradigmas na vida do homem pós-moderno.

São vários os filósofos que concordam com o empobrecimento da experiência a partir desse período: Habermas (1992), Benjamim (1975) entre outros, apesar de suas devidas peculiaridades e discordâncias discorrem a esse respeito. E se pensarmos que a especialização científica por um lado nos trouxe conforto, respostas para várias questões e possibilidade de aprofundamento para várias áreas do saber, por outro, nos tornou a todos ignorantes em algum grau: os que têm acesso ao saber acadêmico, com o volume de conhecimento produzido, se vêem no dilema de conhecer profundamente apenas uma sub área de um campo do saber, são “ignorantes parciais”, as pessoas que estão alheias ao conhecimento científico – enclausurado muitas vezes na academia, acabam por se tornar “ignorantes generalizados” ou segundo SANTOS (2004) “A ciência moderna produz conhecimentos e desconhecimentos. Se faz do cientista um ignorante especializado faz do cidadão comum um ignorante generalizado” (p. 88).

É importante destacar que apesar da centralidade e quase exclusividade do saber científico na modernidade como o único saber verdadeiro (o que faz pensar que quem está alheio a esse saber seja em algum grau ignorante), há outras possibilidades de construção do saber e participação no mundo, que também são legítimas e que se configuram como experiências profundas, dentre elas a experiência estética, o senso comum, o saber religioso.

Os filósofos da ciência têm discutido e reavaliado essas questões, trazendo ao debate a importância do senso comum como saber prático, capaz de nos permitir transitar no cotidiano, e também no surgimento de um novo senso comum, qualificado pela divulgação do saber científico, afinal de contas, qual o valor da produção científica, se ela não puder melhorar o cotidiano das pessoas, se ela apenas ficar entre as paredes da academia e servindo exclusivamente aos interesses imperativos do capital? Tais estudiosos também propõem um retorno ao diálogo da Filosofia e Ciência para a produção de um conhecimento que se aplique à vida, que faça sentido para os caminhos do ser humano, e até mesmo problematizam a possibilidade da relação entre saber científico e saber artístico⁷.

Outra herança da modernidade com a qual até hoje ainda nos temos é que além da problemática de acesso aos bens culturais discutida, é também a partir da modernidade que o acesso a esses bens passa a se configurar como status de algumas classes em detrimento de outras. É nesse período que a burguesia crescente, passa a se interessar pelo acesso às artes e à cultura, como objeto de afirmação social, perante uma aristocracia que lhe fazia severas críticas pelo gosto de amontoar dinheiro sem ter, no entanto valores culturais refinados, Arendt (1997). As massas trabalhadoras com o aumento do tempo livre passam a demandar também o acesso aos bens culturais, que muitas vezes fora traduzido pela busca de simples diversão:

De fato, se no século XX os filistinismo da classe média em ascensão fez da cultura um instrumento de mobilidade social - uma mercadoria social - iniciando a desvalorização dos valores, a sociedade de massas contemporânea levou este processo adiante ao consumir cultura na forma de diversão. A diversão, que é o que se consome nas horas livres entre o trabalho e o descanso, está ligada ao processo biológico vital, e, como processo biológico, o seu metabolismo consiste na alimentação de coisas. O risco deste processo reside no fato que a indústria de diversão está

⁷ Sobre as idéias discutidas na filosofia da ciência, ver SANTOS, Boaventura Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2004.

confrontada com apetites imensos e os processos vitais da sociedade de massas poderão vir a consumir todos os objetos culturais, deglutindo-os e destruindo-os. (ARENDDT, *Op. cit.*, p. 12 – 13).

Observando o comentário de Hannah Arendt, destaco que nesse momento passa-se a formar um mercado consumidor especializado e uma massa que também demanda vivências culturais. Segundo Bourdieu (1996), no campo da produção artística esse processo culmina com o aparecimento de uma produção cultural com fins mercadológicos e “em parte como reação contra esta, de uma produção de obras ‘puras’ e destinadas à apropriação simbólica”, esses dois campos se configuram com suas próprias linguagens e regras internas.

É claro que foi uma longa trajetória desde os embates dentro do campo artístico: artistas sociais, realistas contra artistas burgueses e uma vanguarda partidária da arte pela arte contra todos. Período de lutas seguido de institucionalização e autonomia do campo artístico. Nos dias de hoje o campo de distribuição de bens culturais ainda conserva em sua configuração herança de características formadas na era moderna.

Além disso, observa-se a partir de então um crescente empobrecimento da experiência da vida cotidiana devido ao acesso aos bens culturais que é restrito a muitos seja pela sua distribuição espacial, seja pelo preparo e educação necessários aos indivíduos para garantir tal acesso, seja por questões econômicas. Para Bourdieu (2003) que realizou uma pesquisa sobre a frequência em museus na Europa, o “amor à arte”, as “necessidades culturais”, e a busca da emoção estética, são construções sócio culturais, dependem mais do que o ensino escolar, da prática familiar.

Tal característica causa um tipo de segregação perverso e sutil: as classes de alto poder econômico, justificam a distribuição injusta dos bens culturais o difícil acesso às artes e cultura dita erudita pelo fato de que pessoas de classes mais pobres

voluntariamente “não gostam” ou “não buscam” as manifestações artísticas e culturais. Assim, o gosto pela arte parece um dom inato, uma busca da alma de quem nasceu para amar a arte, e a quem não nasceu para isso, aos “não escolhidos”, “destituídos do dom artístico”, o acesso seria restrito inexoravelmente. Quando na verdade, muitas vezes os locais onde a arte é exposta são tidos como intocáveis e com uma lógica tão hermética de organização que acaba colocando barreiras “invisíveis” a possíveis novos visitantes.

Se a modernidade traz em seu seio o germe de diversas mudanças: a centralidade da racionalidade, capital e ciência, o empobrecimento da experiência por não se ter acesso a todo volume de informação produzido, certezas e verdades absolutas, a divisão cada vez mais injusta do capital cultural e o status ligado às classes que podem consumir suas manifestações. A contemporaneidade caracteriza-se por um sem número de incertezas, e uma pluralidade de possibilidades de explicações para o mundo, a vida, a realidade além da multiplicidade de vozes e crescentes movimentos das minorias. Não há mais a fé em verdades absolutas e ditas universais.

O advento das ciências humanas, a observação da limitação dos métodos quantitativos e grandes sistemas para apreender toda a realidade, e as mudanças de paradigmas que caracterizam os tempos atuais: a velocidade da informação promovida pela comunicação via satélite e via Internet, a reconfiguração de tempo e espaço possibilitada pelas linhas aéreas que ligam todo mundo em menos de 24 horas, entre outras, mudaram ainda mais nossa maneira de pensar, entender o mundo e reagir à realidade. Estamos aprendendo a compreender e lidamos com a inteligência diferentemente hoje em dia. Estudos da psicologia nos mostram que não é apenas o Q.I (quociente de inteligência) que mede as possibilidades cognitivas humanas somos dotados de inteligências múltiplas. E que cada ser, de acordo com sua vida, sua cultura,

suas idiossincrasias desenvolve mais uma ou algumas delas em detrimento de outras. Vivemos em um mundo globalizado, especialmente os ocidentais se encontram imersos neste processo.

As instituições que outrora organizavam a sociedade e o conhecimento: escola, igreja, família, encontram-se em crise ante os problemas da atualidade agravados muitas vezes pelo volume de acontecimentos de todo o mundo e que nos atingem com velocidade de tempo real e nos afetam como não atingiam no passado, por fazermos parte de uma sociedade cada vez mais consciente de sua realidade global e com um desenvolvimento tecnológico tal que o local e o global dialogam e influenciam-se mutuamente, criando elementos culturais híbridos e uma heterogeneidade nas grandes cidades até então nunca vista. A igreja não se encontra mais como detentora dos destinos espirituais da humanidade, uma vez que a era da informação nos traz em nossas casas experiências religiosas do mundo todo, o que democratiza⁸ a escolha, mas acaba com a hegemonia das instituições religiosas no que diz respeito à explicação do sentido da vida. A escola, apesar das tentativas de modernização, mantém na maioria das vezes uma estrutura obsoleta, preocupada quase que exclusivamente com a preparação para o mercado de trabalho, e não para a complexidade da vida, depara-se com o desafio de dialogar com um aluno que recebe e processa as informações e imagens que lhe impacta o aparato cognitivo de maneira diferente dos educadores que se esforçam para adequar sua prática à realidade do contexto. A família enfrenta um conflito de gerações que viveram em mundos diferentes, devido à velocidade das mudanças que se operaram no

⁸ É importante relativizar a sensação de democracia que os meios de comunicação pós modernos nos sugerem. A inclusão digital não impede que sejamos o tempo todo manipulados pelos grandes meios de comunicação e seus interesses políticos e econômicos que muitas vezes nos levam a fazer exatamente o que querem, acreditando que é nossa própria escolha.

final do século XX e início do XXI. A ciência dita neutra, cada vez mais se mostra carregada de interesses do capital das grandes empresas. Lyotard (1998).

Neste contexto, a primeira vista caótico, a arte se configura como importante possibilidade de releitura para diversos problemas da atualidade. Ela que representa um papel de possibilidade de construção de sentidos, de compreensão da realidade, de expressão de anseios, desejos, protestos, emancipação de novas idéias: maneiras de se interpretar a realidade de compreender o mundo.

É interessante entender a Arte através da história da humanidade como maneira de compartilhamento de sentidos, o que nos ajuda a pensar em sua importância através dos tempos. Refletindo sobre isso, começamos a repensar também, a nossa postura equivocada de hierarquizar as dimensões de nossa vida, colocando em primeiro lugar as necessidades de sobrevivência, priorizando o trabalho como esfera principal da existência humana e principal fonte de sentidos da vida. E o que é até mesmo mais grave: em países de realidades em que as dimensões da sobrevivência não são satisfeitas plenamente relegamos a arte, a cultura, o lazer à esfera do fútil, ou do desejável, mas somente acessível às camadas privilegiadas pelo sistema.

Pensar em como se construiu e se tem construído o acesso às artes durante a modernidade e pós-modernidade, a configuração do lazer como tempo de livre escolha, e as contradições que direcionam e influenciam esse tempo e essas escolhas me fazem refletir sobre as possibilidades de acesso às manifestações artísticas por parte das populações do meio urbano como escolha voluntária, exercício de liberdade. Importante desafio se coloca a primeira vista, seriam a sensibilização estética e a democratização da cultura erudita.

Alguns autores do campo do lazer, dentre eles Melo (2005), nos convidam a pensar sobre essa questão e subsidiam o planejamento da cidade como “espaço múltiplo de lazer” (p. 14). Para o autor, na maioria das cidades brasileiras o quadro é preocupante: violência, insegurança, o tecido urbano deteriorado, isso tudo faz com que os habitantes reduzam a frequência a espaços públicos, afasta visitantes, esse autor problematiza a necessidade de políticas e ações que levem a cidade a pertencer novamente ao cidadão.

Na contemporaneidade, cada vez mais o espaço urbano é palco de inúmeros conflitos, diálogos, convivência de diferentes gostos, culturas, interesses. Magnani (2000), em seus estudos de antropologia urbana e tendo o lazer como seu objeto de pesquisa, defende o quão é legítimo tomar tal fenômeno como ponto de partida para estudar as relações sociais no meio urbano: “é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados.” (p 19). Muitas vezes essa riqueza cultural é que propicia e estimula também a vivência do Turismo. A tecnologia, o acesso à informação, o espaço virtual de discussões, a globalização, o acesso a outras culturas através de viagens, complexifica cada vez mais as relações humanas nos espaços urbanos, e é contínuo o diálogo entre diferentes culturas e ressignificação de elementos globais através de elementos da cultura local.

Marcellino (2006), diz que: “Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço” (p.66), uma vez que o lazer não é possível sem a existência de um espaço, mesmo que esse não seja um equipamento específico de lazer. Continuando, o autor comenta que é exatamente no meio urbano, onde há grandes contingentes de pessoas,

que a produção cultural deveria ser mais veiculada, estimulada, pode atingir maior público. Ele também problematiza o fato de que os equipamentos específicos de lazer sejam concentrados em regiões centrais, ou de maior contingente de pessoas de classes mais favorecidas economicamente, gerando espaços públicos segmentados e “um ar de ‘santuário’ de que ainda se reveste um bom número deles” (MARCELLINO, 2006, p. 67).

Aqui começamos a entender a problemática do museu que por muito tempo, tem sido visto como um espaço estático, “sacralizado”, destinado à preservação da memória da humanidade. Isso provavelmente é herança da noção de patrimônio cultural que foi construída por muito tempo na sociedade brasileira, considerando-o apenas como bens móveis e imóveis que tivessem valor histórico ou artístico. Ou seja, se o patrimônio precisa ser preservado, como pode ser visitado e visto por maiores contingentes de pessoas? É constante entre o senso comum ouvir-se críticas às atividades turísticas como predatórias do patrimônio natural e cultural das cidades, e de fator que descaracteriza a vida e hábitos locais. Mas é um paradoxo entender que algo é patrimônio da humanidade e que não pode ser acessado pelas pessoas. Como dialogar perante esse possível impasse?

Apesar dos questionamentos acima, observa-se que os museus cada vez mais se abrem à visitação e conhecimento do grande público. Porém o grande público que o acessa é o estudantil, através principalmente das instituições destinadas à educação formal: as escolas. Nem sempre o museu é visto como espaço de lazer para a população em geral, apesar de ser um dos aspectos de sua definição:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e

expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais dos povos e seu ambiente (Revista Museu, ICOM, www.revistamuseu.com.br).

Em geral, a essência da visita ao museu é a educação, o aprendizado. Porém, o lazer está contemplado na definição de tal espaço. Destacamos também que a educação pode ser uma possibilidade nos momentos de lazer que também é considerado um veículo de educação entre seus estudiosos, entendendo-o como meio de educação não-formal. Há também modalidades de turismo educacional. Além disso, os interesses intelectuais e artísticos podem ser as motivações maiores para um momento de lazer, dependendo do gosto individual. O que se observa, no entanto, é que a escola contemporânea em geral dedica-se à formação para o mundo do trabalho (concurso vestibular, aptidões profissionais, idiomas requeridos no mundo do trabalho). Em menor escala observamos a formação cultural em geral (música, turismo, lazer, artes, cultura popular e outros). Portanto as pessoas nem sempre se acostumam a ver o museu como opção de lazer, nem mesmo em ocasião de passeios turísticos. Em sua formação, habituam-se em visitá-los juntamente com a escola, que se não programam tal visita como suporte a algum conteúdo programático de seu currículo, transformam posteriormente a experiência de contato com o museu em conteúdo na sala de aula. A impressão que fica, é que essa é a única dimensão possível desse espaço, não havendo assim uma proposta de educação estética que prepara para a fruição desses equipamentos e aumentaria o leque de possibilidades de situações prazerosas para a vida de cada um.

Durante muito tempo à idéia que se desenvolveu de museu era de espaço silencioso, repleto de objetos reluzentes. Ainda hoje há resquícios dessa imagem da

qual o museu se revestiu em nossa sociedade. Para ilustrar essa afirmação, proponho a reflexão sobre uma pesquisa realizada na Tailândia sobre fatores e barreiras que influenciam as opções de lazer, Lin (2006) baseia-se em Torkildsen (1999) para levantar os principais fatores que podem afetar as escolhas das pessoas nesses momentos.

Segundo essa pesquisa, as barreiras que influenciam o lazer das pessoas são: pessoais, sociais e circunstanciais. O primeiro grupo de fatores relaciona características pessoais, tais como idade, gênero, atitude e interesses. O segundo grupo inclui profissão, renda, influência de amigos e grupos de pares. A última categoria se relaciona com recursos disponíveis e tempo de lazer, transporte e disponibilidade.

Diante desse fato, o autor prossegue, desenvolvendo suas reflexões a respeito dos fatores que afastam as pessoas de escolherem especificamente os museus no tempo de lazer. Ele identifica dois grupos de barreiras específicas para museus – as culturais e as práticas. Barreiras culturais se relacionam com a imagem dos museus e a atitude do público para com os serviços dos museus; barreiras práticas se relacionam com questões tais como: taxas de entrada, viagem e tempo requerido. O autor ainda elenca barreiras psicológicas e estruturais. As psicológicas se devem ao que ele chama de “senso de alienação” das pessoas em relação aos museus, o que compreendi como imagem prévia das pessoas a respeito de tais instituições; enquanto barreiras estruturais incluem problemas relacionados ao acesso físico e idade das pessoas.

As pesquisas levantam mais barreiras à opção pela visita de museus como lazer, elas incluem: falta de interesse, falta de tempo, falta de entendimento e custo. Argumenta-se também que museus não promovem tipos de experiências as quais satisfazem as expectativas dos visitantes.

Lin (2006) comenta que os três principais atributos psicológicos que influenciam os não visitantes de museus a escolherem passar seu tempo de lazer em outros espaços: o desejo de estar com pessoas, ou por interação social, a necessidade de se sentir confortável e tranquilo em seu redor; e o desejo por participação ativa. Os visitantes de museus, por outro lado, classificam esses atributos muito abaixo, valorizando por sua vez a oportunidade de aprender, o desafio de experiências novas, e a oportunidade de fazer algo importante.

Os dados e reflexões acima, usados para fins de ilustração, são de realidade diversa da nossa. É necessária semelhante reflexão na realidade brasileira para entender com exatidão a questão da dimensão de espaço de lazer de tais locais e seu potencial de atrativo turístico. Mas é interessante refletir em que proporção esses fatores influenciam na nossa realidade e se as barreiras aqui são semelhantes e se podem servir como ponto de partida para investigação.

Oliveira (2007) introduz uma nova visão a respeito dos museus ao comentar que:

Ao diversificar o seu próprio espaço o Museu saiu da pseudocasca que o escondia como “casa das múmias” das “coisas velhas”, do “almoxarifado da burguesia” e outros adjetivos que o puseram como lugar que possuía, digamos, “cheiro de mofo”. Já na década de 1980, após vários congressos sobre Patrimônio Cultural, a imagem do museu sobressaiu ainda mais da caixa das naftalinas. Passou a ser mais ativo na busca de novos objetos, se utilizando, em pesquisa, de novos espaços, mais aberto, aprimorando a visão entre sistema e ambiente, de uma maneira total, abarcando o artificial e o natural, ou seja: a história e a natureza, respectivamente.(p. 1).

As mudanças de paradigmas da atualidade que já foram discutidas inicialmente, e um novo olhar da administração e estudiosos dos museus, têm ajudado na mudança de pensamento a respeito da interação visitante e patrimônio. Porém é recente e ainda presente a idéia de que a memória cultural de um povo está restrita aos bens moveis e imóveis a serem preservados a qualquer custo. Hoje há uma tendência a se pensar no

museu como espaço aberto à visitação, diálogo com os cidadãos e visitantes, contando de maneira dinâmica a história de cada local, sua cultura, produções artísticas. Além de outros movimentos, o desenvolvimento da atividade turística também contribuiu para a disseminação de tal idéia de museu aberto (OLIVEIRA, 2007).

O conceito de preservação também tem sido repensado para ir além da idéia de edifício e mobília convertidos em patrimônio intocável e sagrado. Tem se valorizado o diálogo das instituições com as populações. Apesar disso, ainda há muito que se pensar a respeito da fruição de tais espaços como possibilidade de lazer, do acesso aos visitantes especialmente no que diz respeito à educação para tal.

Congressos e seminários mais recentes têm ampliado cada vez mais o conceito de patrimônio, incluindo usos e costumes e considerando elementos afetivos como critério para a preservação, Marcellino (2006). Tal conceito traz a participação comunitária para o centro das reflexões, tornando as pessoas também agentes de preservação do ambiente:

Os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos. Além disso, preservando a identidade dos locais, pode-se até mesmo aumentar, o seu potencial turístico. (2006, p. 82)

Ao identificar o que lhe dá identidade, uma comunidade seleciona o que é característica fundamental de sua cultura, como o visitante a verá. Dessa forma, o turismo ao mesmo tempo em que possibilita o diálogo com o outro, o diferente, também permite que uma comunidade repense o que tem de peculiar e o que é de destaque, o que lhe é único ao olhar do outro reforçando seus elos de identidade. Pensando assim, o lazer e o turismo podem contribuir como preservação do patrimônio público. O lazer,

através do diálogo do cidadão com sua história, seus equipamentos, possibilitando a criação de laços afetivos com tais espaços. O turismo, pelo contato, fluxo e contra fluxo entre culturas, que realça e destaca o que é de identidade local, valorizando-a.

Alguns estudiosos comentam que a democratização do lazer está ligada à democratização do espaço, e esse movimento não está só ligado à construção de equipamentos específicos do lazer, mas também no esforço por se aproximar às pessoas dos equipamentos existentes. No caso de espaços como museus, que trazem toda essa aura de “sagrado” construído historicamente, é interessante observar que:

[...] a ação democratizadora precisa abranger a conservação dos equipamentos já existentes, sua divulgação, “dessacralização”, e incentivo à utilização, através de políticas específicas e a preservação do patrimônio ambiental urbano (MARCELLINO, 2006).

Para o autor citado, a atmosfera de intocabilidade criada em torno desses espaços ligados aos interesses culturais e artísticos nos momentos de lazer e turismo, são em si um entrave que precisa ser superado tanto quanto todas as outras barreiras várias que se contrapõem à sua fruição. Dessa maneira a visitação a tais locais como vivência de lazer talvez seja mais possível.

As reflexões aqui indicadas não são ponto de chegada, são propostas de maneiras de olhar nossos objetos de estudo, através do diálogo entre diversas áreas. Repensar o turismo e o lazer como possibilidades de tornar os espaços “mais vivos” valorizando-os e preservando-os em consequência disso. Tornando locais de armazenamento de livros e peças em espaços de história dinâmica, e museus que outrora eram considerados locais “sérios”, sem expressividade em espaços de cultura viva. É um desafio para pesquisadores, estudiosos do lazer, turismo, cultura, aprofundar tais diálogos, rever conceitos e práticas, aproximar o patrimônio cultural de seu dono por direito: a humanidade.

A emoção estética a meu ver também é uma possibilidade de prazer, e seria de grande importância compreendê-la como uma das várias possibilidades nos momentos de lazer. Espero que a pós modernidade, com sua abertura às minorias, com a aceitação às diferenças, caracterizando-se por darem ouvidos a vários discursos, possa permitir que todos tenham voz e que seja também tempo de democratização da cultura, especialmente da arte, que como patrimônio universal, deveria mesmo ser de todos os seres humanos ou através de sua divulgação, ou mesmo pela democratização dos meios de se compreendê-la.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BENJAMIM, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1983. p. 29 – 56.
- _____. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1996.
- _____, DARBEL, Alain. **O Amor Pela Arte – Os museus de arte na Europa e seu público**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926 – 1964). 2003. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- HABERMAS, J. Modernidade – Um projeto inacabado. In: ARANTES, Otilia. **Um ponto cego no Projeto Moderno de Jungem Habermas, B.** São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LIN, Yung-Neng. Leisure—A function of museums? The Taiwan perspective. **Museum Management and Curatorship**, v. 21, p. 302–316, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/02604779>
- LYOTARD, J. F. **A Condição Pós Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: _____; TORRES, L. L. (Org). **Na metrópole**: Textos de antropologia urbana. São Paulo: USP, FAPSSP, 2000, p. 12-53.

MARCELLINO, Nelson C. O lazer e os espaços na cidade. *In*: ISAYAMA, Helder F. LINHARES, Meily A. **Sobre Lazer e Política** – maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MELO, Victor A. de. **Lazer, Cidade e Comunidade**. Brasília: UniSesi, 2005.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu e a globalização. **Revista do Museu**. Disponível em: www.revistamuseu.com.br.

SANTOS, Boaventura S. **Um Discurso Sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

Endereço dos Autores:

Cleide Aparecida Gonçalves de Sousa
Rua Pavão, 110 – Santa Cruz. Belo Horizonte – MG.
CEP: 30644-060
Endereço Eletrônico: cleide_tutora@yahoo.com.br

Victor Andrade de Melo
Endereço Eletrônico: victor.a.melo@uol.com.br